



Utrecht

Utrecht é uma das cidades mais dignas de serem conhecidas. Debaixo do ponto de vista historico, é notavel por ser a patria de Adriano VI, e principalmente porque ali foi celebrado o tratado de união das sete provincias em 1579, bem como, em 1713, a famosa paz concluida entre a França e os alliados. — Independentemente d'estas circumstancias, tem a cidade de Utrecht um logar muito distincto entre as demais cidades da Hollanda, pela belleza dos seus arredores, pela sua vanjosa situação, pelos bellos edificios que a adornam, etc., etc.

Utrecht, cidade da Hollanda, e capital do districto d'aquelle nome, está situada a distancia de poucas legoas de Amsterdam, Rotterdam, e da Haia. Assenta-se em um valle agradavel sobre o velho Rheno e o Vetch, que ali se sepára d'aquelle. E' devidida em duas partes pelo Rheno; e semelhantemente ha tambem dois canaes com trinta e seis pontes lavadiças. Logra a vantagem de ser saudavel, pela sua posição, livre dos inconvenientes da humidade, tão communs na Hollanda; pois que está edificada em terreno secco e elevado acima do rio.

Os arredores de Utrecht são por extremo bellos, especialmente do lado de Amsterdam, em que avulta uma extensa avenida, bordada de fileiras de famosas arvores. A apparencia da cidade, em si mesma, é antiga; e ali se encontram muitos edificios gothicos. Era em outro tempo muito bem fortificada; mas, e ainda bem, as fortificações convertêram-se em passeios, — entre os quaes sobresáe o encantado Maliebaan, de meia milha de extensão, revestido de oito fileiras de tís. E' este o mais bello passeio da Europa, — e a tal ponto notavel que Luiz XIV expressamente determinou ao seu exercito que o poupasse, quando aliás era tudo destruido brutalmente.

A cathedral, que infelizmente está arruinada, attráe a attenção por uma soberba torre, da altura de 388 pés, do cimo do qual se avistam vinte cidades grandes, e trinta mais pequenas.

A casa da camara é um formoso edificio, de moderna construcção; e outros mais edificios publicos são muito notaveis.

A industria, em diversos ramos, está muito desenvolvida e aperfeçoada em Utrecht.

Em 1630 foi fundada em Utrecht uma Universidade, para o ensino das linguas classicas, das mathematicas, da medicina, do direito e da theologia. A universidade tem todos os estabelecimentos necessarios para os estudos scientificos; e gosou sempre de grande reputação, ainda que não tanta como a de Leyden. A beneficencia, as bellas artes, e em geral todos os elementos da mais apurada civilisação, estão brilhantemente representados na cidade Utrecht.

Diremos, finalmente, que o nome latino, pelo qual é designada a cidade de Utrecht é o de — *Ultrajectum*.

BREVE NOTICIA DE HOMERO

Diverge tanto a opinião dos litteratos e criticos antigos e modernos sobre o nascimento, patria e destino de Homero, que fôra temeridade nossa assignar-lhe aqui a época precisa do seu nascimento, a terra natal que lhe escutou os primeiros vagidos, e finalmente como supportou o infortunio dos amargos revezes, que lhe couberam em partilha, para não ficar isempto de propriedade alguma inherente aos grandes genios.

Não admittindo nós o septicismo de alguns criticos mais severos ou zelosos, os quaes, negando a existencia de Homero e, com a identidade da sua pessoa, a de suas obras, não vêem

nelle mais que a figura ou o symbolo do genio épico da antiga Grecia, e nas suas poesias a obra commum mais posteriormente fundida e aperfeiçoada por uma sociedade de poetas, que floresceram na Jonia pelos seculos X a VIII antes de J. C., permitta-se-nos affirmar que o portentoso genio de Homero, genio sem modelo, eminentemente digno do nome de poeta pela grandeza de suas composições e pompa de seus versos, brilhou sobre o solo da Grecia em tempos antiquissimos (dois ou tres seculos depois da Tomada de Troia, segundo o que se póde crer dos marmores encontrados em Paros; isto é, no decimo seculo antes de J. C.)

Contra a opinião dos que tomam este grande épico por um mytho, ha o empenho, historico, com que sete cidades disputaram a honra e a gloria de lhe terem dado o berço, e esse sentimento unanime de admiração por Homero, que os antigos deixaram traduzir aos vindouros por uma especie de religião; sentimento que diz mais em seu favor, que todas as controversias e desdons dos sequazes de Zoilo.

Só um genio extraordinario e unico póde dominar assim na memoria dos homens!

Como o desditoso cantor dos nossos patrios, vio-se Homero na dura necessidade de chamar ingrata a sua patria e protestar-lhe, com sentido brado, que não possuiria seus ossos.

Para adquirir mais exacto conhecimento dos homens e dos logares que deviam contribuir para realisar o plano da sublime composição, que o seu genio transcendente concebera, demandou aquellas longinquas regiões que obstinadamente lhe representava a sua imaginação, ainda veladas á sua phantasia ardente pela cortina do espaço, que os seus multiplos conhecimentos apenas haviam tornado um tanto diaphana.

Mas voltando á patria foi tão mal recebido de seus concidadãos, que teve de a abandonar.

Depois de esgotar até ás fezes o calix de absintho, ministrado pelo exilio a que por desgosto se condemnára, cegou e caio em tal indigencia, que, para alcançar o alimento de cada dia, recitava e cantava elle mesmo os seus versos, vindo a morrer em Ios, uma das Cycladas.

A posteridade saldou a divida, proclamando-o um genio, e não um ser imaginario, como o têm pretendido demonstrar certos criticos, cujos raciocinios se não podem sustentar ante a unidade de vista, d'acção e de estylo, que se admira nas epopeias d'este grande poeta.

A *Iliada*, o mais bello do genero épico, além das suas innumeraveis bellezas offerece á historia e á philosophia preciosos thesouros, pintando fielmente os costumes, o estado dos conhecimentos, as crenças religiosas e a constituição social d'aquelles tempos remotissimos, que têm conservado o nome de *seculos heroicos*.

A *Odisseia*, poema heroico comico, perfeito modelo do romance em verso, não attraio menos a admiração dos seculos.

Mas estas duas obras immortaes não são as unicas que se attribuem a Homero; a *Batrachomyomachia*, trinta e tres *hymnos* e alguns *epigrammas* foram tambem publicados em seu nome.

Mas estas ultimas obras são evidentemente de uma época posterior áquella em que foram compostas as primeiras duas; são sem duvida a obra d'esses *homeridas*, que faziam profissão de cantar

os versos de Homero, e que algumas vezes ajuntavam aos poemas de seu mestre as suas proprias composições.

As epopeias de Homero não foram por muito tempo conhecidas senão na Grecia asiatica, onde ellas eram cantadas com o nome de *rhapsodias*, em trechos soltos. Aquelles que os cantavam recebiam o nome de *rhapsodes* (ῥάπτειν, cozer, ᾠδή, canto.)

Lycurgo, regressando de suas viagens, trouxe as rhapsodias para a Grecia propriamente dita; e, no tempo dos Pisistratidas, foram estes fragmentos reunidos em dois corpos, a *Iliada* e a *Odisseia*, formando uma serie não interrompida desde o começo até ao fim.

Homero não só excedeu a todos os poetas seus contemporaneos, ajuntando á belleza da rima e á harmonia da linguagem um maravilhoso pathetico e sublime, até então desconhecido, mas ainda reduzio os mais bellos genios que vieram apoz elle, na epopeia, a não fazerem quasi outra cousa do que seguirem seus traços, imitarem suas invenções e regularem-se em tudo por elle, como um incomparavel modelo.

Os outros poetas gregos, lyricos, tragicos, bucolicos, o tomaram igualmente por guia e por mestre, pedindo-lhe os seus assumptos, as suas concepções e o seu estylo. Chamavam-no o poeta por excellencia; e não sómente a poesia, mas todas as artes viviam das suas inspirações.

A antiguidade achava e bebia todos os conhecimentos nas obras de Homero, como em uma encyclopedia; ellas eram para os gregos o que a biblia era para os hebreus: theologia, historia, geographia, eloquencia, arte militar, politica, tudo tinha seu fundamento, seus principios, seus elementos, sua auctoridade em Homero.

A moralidade dos seus poemas não foi menos admirada por todos os antigos, sem exceptuar os philosophos e os padres da igreja que só reprovavam a sua mythologia, muito conforme ás crenças populares, e as paixões muitas vezes pueris ou escandalosas que attribue aos seus deuses, já pelo respeito ás tradições, já pela liberdade poetica, rebaixando-os até á humanidade, em quanto que algumas vezes, ao contrario, dá uma elevação sobre humana aos seus heroes.

O philosopho Anaxagoras foi o primeiro a imaginar que a virtude e a justiça eram o objecto principal que Homero se propozera; outros viam nas suas ficções e nos seus personagens representações da ordem geral do mundo, personificações dos elementos e das forças da natureza.

Os alexandrinos particularmente se distinguiram nestas interpretações figuradas, assim como na mais subtil e minuciosa critica e analyse do texto de Homero.

Aristarco dividiu os poemas em 24 cantos, que se distinguem pelas letras do alphabeto. Neste estado foi que chegaram até nós.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

OS ANOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 215)

XII

Navena

«MEU AMIGO.— Felicitaste-me pela boa nova, que na minha ultima te confidencieei. Do fundo d'al-

ma te agradeço as amigáveis expressões com que me afagas a minha vaidade de namorado; mas a cegueira do affecto não me deslumbra a ponto de não ver, atravez da tua phrase attenciosa e lisongeira, a severidade do conselho e a frieza do raciocinio inflexivel, com que mostras arreccar-te «d'estes segundos actos do drama do amor, quando, ao findar o primeiro, caiu o pano ao som dos suspiros de um dos protogonistas.» «As reconciliações, contiúas tu na tua phrase chocarreira mas inexoravelmente critica, são sempre um acto addicional, que não salva o reinado do amor, se o pacto fundamental esteve a ponto de o levar ás bordas do precipicio ou chegou mesmo, ainda que por pouco tempo, a fazer-lhe perder a sua autonomia.»

«Se depuraste estes principios absolutos no crisol da experiencia, lastimo-te meu amigo, pelas dolorosas provações por que passou o teu espirito até chegar á conclusão enunciada! A experiencia, como diz Dumas filho, é um fructo que se não colhe senão quando está pôdre. Mas quantas vezes se rasgam as carnes nos espinhos da arvore, quantas gotejam sangue as feridas, até se colher esse fructo, inutil sempre para quem o colhe!

«Eu era inexperiente e embriaguei-me com as delicias da primeira impressão. Não tenho pejo de t'o confessar: fiz-te a minha profissão de fé no terminar da minha ultima carta. Cria e esperava; era tão feliz, mais ainda, se possivel é, do que na primeira phase d'estes malaventurados amores.

«Não vás julgar que eu maldiga hoje o momento da nossa reconciliação. Pelo contrario! Amo aquella mulher com delirio, com frenesi; mas não é já aquelle fogo sereno e transparente como chamma do altar das vestaes, é o incendio revolto e indomito, é o vomitar da lava candente da cratera de um volcão.

«A serpe, aninhada no seio, aquece-se, desenrosca-se e morde o peito que lhe deu vida. Tal foi este sentimento. Nascéra doce e suave, sem a ardencia dos desejos que lhe cresta o viço, mas só com o doce calor que o robustece e vigora. Aquelles seis mezes porém, que o aninhei enregelado no coração, mudaram-lhe a essencia, baptisaram-o no fel do sensualismo, crestaram-lhe a candidez no lume infernal, em que se consomem todos os amantes das Francescas de Rimini.

«Clementina partilha talvez d'esta exaltação que me refere no sangue, mas, ou por frieza de temperamento, ou por estudo de coquetismo, mostra-se despercebida aos fervidos transportes do sentimento que me domina.

«Melhor porém do que a egide da virtude ou do calculo, protege-a o excesso do meu orgulho, intolerante, como sempre, para essas ligações hybridas e monstruosas, em que o amante aceita reconhecido e contente as migalhas que cáem do banquete sumptuoso do marido. Indigna-me a hypocrisia; e, se ha na mulher esquecimento de deveres, quero que esse esquecimento seja completo, absoluto, sem restricções.

«Não transijo com as meias virtudes, nem me curvo ás meias conveniencias. Se sou criminoso, não sou um criminoso vulgar, quero a grandeza e a altivez do crime! Clementina só será minha no dia em que não fôr de ninguem mais! os amores accomodaticios, apesar da injustiça da

sociedade, collocam o amante em posição ainda mais ridicula do que o marido. Eu, pelo menos, compreendo-o assim, e repugna á inflexibilidade da minha altiveza dobrar a cerviz a este ridiculo!

«Sonho o isolamento com aquella mulher encantadora, namora-me a solidão, só por nós habitada, entre verduras e montanhas, tendo por testemunhas da nossa ventura, na terra, as flores silvestres, as aves, na amplidão do ar e, no ceu, a lua amiga. Phantasio todos os delirios sempre lembrados pelos amantes a que a eterna e sempre rejuvenescida fascinação do idyllio attráe. Quero desilludir-me muitas vezes, pedindo á razão que me mostre bem evidentes todas as falsas cores d'este panorama brilhante que a minha imaginação antevê, mas com o desabar d'estas queridas allucinações vejo a fria e erma realidade, como um cemiterio a cuja sombra lugubre se abriga a campa do meu delirante amor.

«Compreendes bem quantas dores geram n'alma estas luctas tempestuosas dos sentimentos; quantos espinhos alanceiam o coração que soffre tão rudes provações.

«Anhelo conquistar a corôa da victoria e arreceio-me ao mesmo tempo que ella se me converta em diadema de espinhos; estorço-me nas convulsões de precito, antevendo em extasis os gosos da bemaventurança. Nem imaginas quanto soffro e quanto a tua carta, com a causticidade do teu espirito, veiu servir de refrigerio ao meu animo atribulado. Foi como as bebidas acidas que nos mitigam a sede nos calores tropicaes do estio. Leio-a e releio-a, como os sequiosos pedem repetidas vezes á acidez, quasi sempre ingrata ao paladar, um lenitivo á calma que os abrasa.

«Ampara-me com o teu conselho; sê inflexivel, que mostrando-me a grandeza do erro, alcançarás, ainda quando me não curares, augmentar-me a vaidade de não ser vulgar, e ter n'isso um consolo ás dores com que me cêrca esta lucta. Entrego-me nos braços da tua amisade. Sempre teu — Ernesto.»

(Continua)

c. b.

O EMPREGO DO TEMPO

Folheava eu ha dias um livro que tem por titulo — *Essai sur l'emploi du temps* — e, entre muitas cousas interessantes, encontrei ali uma curiosa indicação do emprego que alguns homens célebres, da antiguidade, e modernos, fizeram do tempo.

Quero repartir com os leitores d'este semanario o prazer que me proporcionou a leitura da mencionada passagem, e para conseguir um tal fim resumirei substancialmente as indicações do auctor — Marc Antoine Julien — que assim se chama o escriptor que compôz aquelle livro.

Sem recorrer ao axioma de uma nação poderosa d'estes nossos dias — de que *o tempo é dinheiro*, — observarei que sendo o tempo o unico bem de que devemos ser avaros, pela maior parte, e em geral, mui pouco valor lhe damos, consumindo-o pródigamente, sem nos lembrarmos de que fôge apressado, corre veloz, e vóa arrebatado, para mais não voltar á posse d'aquelles que o menosprezaram.

Vamos, porém, ver como os grandes homens que na história deixaram um rasto luminoso, fi-

zeram discreto uso do tempo, ou para cultivarem a intelligencia, ou para serem diversamente prestaveis á humanidade. E será este um incentivo para que nós todos sacudamos a inercia, amemos o trabalho, e aproveitemos o tempo — com vantagem nossa e utilidade das associações humanas.

Aristóteles, o maior génio da antiguidade, o principe dos philosophos, o grande naturalista, o immortal mestre de Alexandre; — Aristóteles, que tão brilhante nomeada legou á posteridade, em todas as provincias do saber humano, auxiliou poderosamente a sua alta intelligencia por meio do estudo, do trabalho e de um lidar incessante na aquisição de conhecimentos. A alimentação e o somno occupavam diminuta porção do seu tempo; a maior parte d'este era consagrado ao trabalho, e repartido do modo mais discreto e regular.

Julio Cesar assignalou o seu nome por uma actividade espantosa. Se a natureza o brindou com o génio, é certo que esse dom incomparavel ficaria estéril, se o grande homem não diligenciasse aproveitar o tempo, empregando-o vantajosamente no trabalho assiduo das cousas da guerra, das negociações, da política, das letras.

Cicero, no meio das agitações da vida política, dos cuidados da governação, dos trabalhos oratorios, aproveitava de tal modo o tempo, que lhe ficava espaço para os estudos philosophicos, e para a composição de innúmeros escriptos, que immortalisaram a sua memória.

De Augusto se refere que fôra mui laborioso desde os primeiros annos da vida, e assim continuou no decurso da sua existencia, não desperdiçando jámais um só instante, — senão aproveitando todos em util trabalho.

Foi notavel o theor da vida de Vespasiano desde que subiu ao throno. Levantava-se antemanhã; depois de ler a correspondencia, e percorrer todos os memoriaes e requerimentos, recebia os seus amigos, e praticando com elles ia tratando de vestir-se e enfeitar-se; expedia depois os negocios graves; passeava e repousava por breve tempo; tomava um banho antes de ir para a meza, e durante a refeição não cessava jámais de conversar sobre assumptos uteis, e de ouvir sobre elles pessoas entendidas.

Plinio, o naturalista, foi um modelo perfeito do amor do trabalho e do aproveitamento do tempo. Não chegaram á posteridade todas as obras que Plinio compôz; essas mesmas, porém, que lhe sobreviveram, dão testemunho eloquente da sua applicação admiravel. Durante o dia absorviam-no os negocios publicos; mas consagrava as noutes ao estudo. Até na occasião em que estava comendo, escutava a leitura de algum livro, do qual dictava os extractos que lhe convinham; no banho, ou á saída, ou quando se vestia, sempre se occupava de ler, ou de dictar. Este notavel habito acompanhava-o inseparavel e indefectivel nas viagens, nas excursões scientificas, ou outras: ao seu lado via-se sempre um livro, o necessario para tomar notas, e um copista.

Qual homem, demorando-se apenas sobre a terra por espaço de trinta e dois annos, como succedeu ao imperador Juliano, poderá abonarse como elle de haver empregado bem o tempo? Com razão pôde Juliano exclamar, á hora em que estava prêtes a exhalar o ultimo suspiro,

ás bordas do rio Tigre, e por occasião da malfadada expedição da Persia, — justificadamente, dizemos, pôde elle exclamar: *Foi curta a minha vida; mas fôram cheios e completos os meus dias!* O amor do estudo, o amor do trabalho fôram as grandes paixões que inflammaram a alma d'aquelle homem extraordinario, — o qual nas armas e nas letras illustrou o seu nome, ainda aos olhos dos que o doéstan como *apóstata*.

Alfredo, o sabio, fez grandes cousas na Inglaterra, e deixou um nome illustre, porque regulou methodicamente o emprego do tempo. Não havia ainda relogios — na era em que viveu —; mas engenhosamente descobriu o modo de contar as horas, e de as repartir com uma regularidade admiravel pelos cuidados da governação, pelo trabalho da leitura e do estudo, pelos exercicios de piedade, pelas exigencias do espirito e do corpo.

Sully, o virtuoso ministro de Henrique IV de França, legou á posteridade o mais salutar exemplo de um bem ordenado emprego de tempo. Levantava-se ás quatro horas da manhã. As primeiras horas eram consagradas á leitura e expedição dos memoriaes e requerimentos que tinha na sua secretária: o que elle chamava — *limpar o tapete*; ia depois para o conselho, e passava a manhã com o rei, occupando-se ambos em praticar sobre os negocios publicos, e em resolver as questões occorrentes; jantava ao meio dia; depois de jantar dava audiencia a quantas pessoas o procuravam, começando pelas das classes populares; terminada a audiencia, assentava-se a trabalhar até á hora da ceia; e só então punha termo ao trabalho, e se entretinha com um pequeno numero de amigos escolhidos, em quanto não chegavam as dez horas, em que ia deitar-se. Se algum acontecimento imprevisto perturbava a regularidade da distribuição do tempo de Sully durante o dia, indemnizava-se o laborioso ministro trabalhando de noite. Tal foi o constante theor da vida do virtuoso Sully.

Não fallarei de Catinat, de Vauban, de Boerhaave, de Desault, de Haller, que o nosso auctor menciona — encarecendo a prudente e económica distribuição que elles faziam do tempo. Apenas me demorarei em tomar nota de que Frederico II, o grande, offerce um exemplo preciosissimo do esforço que aos indolentes e aos preguiçosos pôde ser de grande utilidade. Frederico havia contraído o funesto habito de dormir muito; mas, á força de vontade, conseguiu emendar-se, e desenvolver uma actividade espantosa, auxiliada pela distribuição regular do tempo. Cédo se operou n'elle a salutar reforma, de sorte que por uma longa série de annos, e até á extrema velhice, levantava-se ás quatro horas da manhã, e desde logo distribuía severamente o tempo que havia de consagrar a cuidados e trabalhos diversos. As cousas da administração do reino, as da guerra, as negociações diplomaticas, a leitura, o estudo, a conversação com os sabios e com os homens de letras... tudo tinha de antemão a sua hora aprasada, e para tudo lhe chegava o tempo, economisando-o discretamente.

Se percorrer podéssemos a vida dos philosophos e a de todos os homens que em differentes carreiras assignaláram a sua passagem na terra, nos tempos antigos; se nas eras modernas estudássemos o theor de vida de Voltaire, de Mon-

tesquieu, de Buffon, de Gibbon, do illustre Franklin, de Cuvier, de Arago, de Humboldt, de Brougham... haveríamos de reconhecer que só logram ser uteis á humanidade os homens que fazem bom uso do tempo, empregando-o com avisada regularidade no estudo e no trabalho — diversos —; e por ventura declararíamos guerra a tantos e tantos importunos, que não sabendo o

que hão de fazer do tempo, o roubam com impertinentes visitas e conversações áquelles que o prêsam e lhe dão justo valor.

— Não são brilhantes os breves traços que ahí ficam lançados; mas talvez poderão esses rápidos enunciados desafiar a cogitação dos homens de boa vontade, e contribuir para transformações felizes.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



O Anjo da Guarda

Na galeria do Louvre existe um quadro representando o Anjo da Guarda, gravura a buril executada por Mr. Decaisne, talento já provado por muitos quadros, taes como: Milton dictando o *Paraiso perdido* a suas filhas; Margarida de Valois salvando um protestante do massacre de S. Bartholomeu; alguns retratos, e entre elles o da princeza Clementina d'Orleans; mas o Anjo da

Guarda foi, sem duvida, o quadro que deu mais elevada distincção a este artista.

Diz-se que Mr. de Lamartine, visitando a exposição do Louvre, demorou-se em muda contemplação em frente do quadro de Mr. Decaisne.

A gravura que hoje apresentamos aos leitores do nosso semanario é uma copia d'aquelle quadro.

PORTUGAL E O GRANDE DESIGNIO DE HENRIQUE IV

II

(Continuado de pag. 216)

Entre dois systemas podia optar; o primeiro era voltar no seu papel de rei huguenote, proclamar-se, o que lhe era facil, chefe do protestantismo continental e travar com a Hespanha a lucta religiosa, em que, sendo feliz, podia conseguir um fim politico, o do desmembramento, ou, pelo menos, o da humilhação da Hespanha. Mas n'esse caso, lançando-se decididamente nos braços dos huguenotes, tinha de luctar com a propria França, com o papa, como uma porção da Allemanha, sem ter demais a mais o auxilio da Inglaterra, porque esse paiz, sempre mais dedicado aos seus interesses do que aos seus principios, abandonaria com toda a facilidade os seus correligionarios para não ter que auxiliar os projectos do rei de França. Quando o continente estivesse em fogo, a Inglaterra, isolada no meio dos mares, esfregaria as mãos e apanharia tudo quanto podesse dos despojos deixados ficar no campo da batalha.

O outro systema era o inverso; consistiria em desamparar completamente os protestantes, tomar a serio o seu papel de soberano catholico, e pelear ao lado da Hespanha. N'esse caso obteria as bençãos do papa, é verdade, mas accenderia em França a guerra civil, e, o que era peor, concorreria para firmar a preponderancia da Hespanha, porque nunca, estando no mesmo campo, deixaria o rei de França de se sumir na sombra projectada pelo grande colosso hespanhol.

Não foi, por conseguinte, nenhum d'esses systemas o que elle adoptou. Empregou na politica estrangeira o mesmo meio de que tão bem se sairia na politica interna. Apresentou-se como neutral, mas reservando-se o direito de manter contra quem quer que os violasse, os principios que toda a diplomacia civilisada tinha de invocar depois: Tolerancia, protecção dos opprimidos. O edito de Nantes proclamava bem alto aos protestantes que esse programma não era de vãs palavras; por isso logo todos os sectarios europeus o invocaram como seu Deus, como seu protector. A Hollanda recorre á sua influencia para que a proteja contra a Hespanha, os allemães escolhem-no para mediador; a uns e a outros elle promete e dá auxilio e amparo. Segundado pelo habil diplomata em quem depositava a maior confiança, o presidente Jeannin, escuda efficaçmente contra a obstinação hespanhola nova republica hollandeza, impõe respeito aos principes catholicos da Allemanha. Politica de huguenote, dir-me-hão! Nada d'isso; porque, ao mesmo tempo que assim procedia, defendia energicamente a causa dos catholicos inglezes contra o rei James I, sustentava a Santa-Sé, amparava contra os turcos os catholicos do Oriente, e fazia com que a Hollanda concedesse garantias de liberdade de consciencia aos catholicos da sua nação. Era isso o que o fazia forte, era isso o que augmentava a cada passo a

sua influencia. Apagando nas luctas politicas a idéa de luctas religiosas, consegue desarmar a Hespanha arrancando-lhe esse gladio da fé, com que fulminava os hereges, e obrigava os catholicos, por escrupulo de consciencia, a formarem-se á sombra da sua bandeira, e substituia ao antigo principio da unidade religiosa que fizera a força de Hespanha, como protectora do catholicismo, o novo principio do equilibrio europeu, que devia fazer a força da França como protectora dos fracos e dos opprimidos.

Assim conseguiu elle abaixar a preponderancia da casa d'Austria, preponderancia que parecia inabalavel. Mostrando-se com affectação filho predilecto da Igreja lograra mesmo arrancar a Santa-Sé á alliança hespanhola, que até abi os papas tinham julgado indispensavel para a manutenção do christianismo.

Mas é dom fatal da natureza humana, que não possam nunca nem os maiores genios parar no limite pratico e justo dos grandes principios que estabeleceram. Namoram-se das suas idéas, seguem-n'as até ás suas extremas consequencias, e, depois de terem pairado como as aguias sobre o mundo, que deslumbram, soltam o vôo e perdem-se nas regiões brilhantes mas vertiginosas da utopia.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo é il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 205)

XIII

Démos no artigo antecedente noticia das principaes peripécias da conjuração dos Pazzi, que Machiavel refere magistralmente nas suas *Historias Florentinas*. Vimos que os conjurados assassinaram somente Julião de Medicis, ficando incólume Lourenço, irmão d'este, — e não só incólume, senão victoriado pelos Florentinos, e mais reforçado ainda no poder; do que resultou haver ficado mallogrado o infernal plano, ao qual se associaram o rei de Napoles e o papa Sixto IV.

De passagem mencionaremos a severa observação de Sismondi a respeito do rei de Napoles, e de Sixto IV. O primeiro tinha feito avançar as suas tropas, com o fim de auxiliar os conjurados; ao passo que o pontifice tinha abençoado as armas de que haviam de servir-se os assassinos: ambos elles, pois, abalam e enfraquecem a legislação, ao abrigo da qual vivem, e não merecem mais estima do que esses cobardes, que pagam a assassinos mercenarios para saciarem a vingança... Os vingadores dos particulares são os tribunaes; o tribunal dos soberanos é a guerra, mas a guerra franca, declarada, leal.

E note-se que Sismondi paga um tributo de louvor a Sixto IV, em quanto lhe attribue o nobre plano, concebido por este pontifice, de reunir a Lombardia á Toscana sob a égide de governos apoiados na confiança e no amor dos po-

vos. Não obsta, porém, isso a que acrescente este reparo: = Mas o caracter do papa corrompia o seu espirito, e introduzia a falsidade e a perfidia nas suas vastas concepções. Incapaz de fazer distincção entre a virtude e o crime... eram para elle indifferentes todos os meios de execução, e deshonorava os seus projectos pelos instrumentos que empregava para os realisar. = (1)

O que é certo, é que Sixto IV, pouco depois do malôgro da conjuração dos Pazzi, escreveu aos Florentinos, ordenando-lhes que expulsassem de Florença Lourenço de Medicis. Os Florentinos responderam ao papa com uma admiravel isenção, declarando resolutamente que tal não fariam. Não podendo eu reproduzir aqui a resposta dos Florentinos, por ser muito extensa, limitar-me-hei a tomar nota de algumas brèves passagens, que pôdem dar uma idéa da natureza de todo aquelle interessante documento:

= Vossa Santidade chama tyranno a Lourenço de Medicis; mas nós e o nosso povo, unidos aos outros cidadãos accusados, unanimemente o consideramos e chamamos defensor da nossa liberdade. Promptos estamos, succeda o que succeder, a sacrificar tudo á conservação de Lourenço e dos demais cidadãos, — conservação, á qual estão ligadas a salvação publica e a liberdade... Vossa Santidade quer expulsar da nossa cidade Lourenço de Medicis, o qual não degenéra de toda a sua familia; de Cosme, pae da nossa patria; de Pedro, a quem elle deve o nascimento, homem muito distincto, benemérito da nossa liberdade, etc. etc. (2)

No penultimo paragrapho da resposta dizem os Florentinos:

= Revista-se Vossa Santidade de outros sentimentos; lembre-se do seu officio pastoral, e do vicariato de Christo; lembre-se de que não lhe fôram dadas as chaves para usos taes. Quanto não receiamos que venha a realisar-se nos nossos dias aquelle dicto do Evangelho: «Aos mãos destruirá rigorosamente: e arrendará a vinha a outros lavradores, que lhe paguem o fructo a seus tempos devidos. =

Indue, indue, Beatissime Pater, meliorem mentem; meminervis pastoralis officii tui, et vicariatus Christi; meminervis clavium non in istos usus datarum! Quam enim veremur, ne in nostra tempora illud incidat dictum evangelicum: «Malos male perdet, et vineam suam locabit aliis agricolis. (3)

Esta resposta dos Florentinos desagradou summamente a Sixto IV. Logo no dia immediato escreveu, de seu próprio punho, ao duque de Urbino, seu sobrinho, nos seguintes termos:

= A carta dos Florentinos, escripta com tama-

(1) *Histoire des Républiques Italiennes du Moyen Age par Simonde de Sismondi.* (5.^a edição. Bruxellas. 1839. Pag 71 e 72.)

(2) A carta dos Florentinos é escripta em latim; foi pela primeira vez publicada em Paris por sir Francis Egerton no principio de 1814, e depois reproduzida por Artaud, — o qual apresenta o texto latino e a traducção franceza. Artaud vio o original nos archivos de Florença.

(3) A passagem do Evangelho, que os Florentinos citam, é o versiculo 41 do cap. XXI do Evangelho de S. Matheus, a qual traduzi pelas próprias palavras do Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

É desnecessario chamar a attenção dos leitores sobre a nobre franqueza, com que os Florentinos fallavam a um pontifice, que se deixára repassar de tamanho odio contra Lourenço de Medicis.

nho desprezo de Christo e do seu indigno vigario, não nos intimidou; mas fez-nos pensar que Deus lhes tirou o entendimento e o sentir, para os castigar de seus peccados. Esperamos que Deus, pois se trata da sua honra e da sua gloria, nos tornará em tudo vencedores, e maiormente porque a nossa intenção é recta e justa. E em verdade, nós não temos em vista, nos nossos actos, senão aquelle ingrato, aquelle excommungado, aquelle herético filho da iniquidade, Lourenço de Medicis. Pedimos ao Deus justo, e a vós tambem, ministros, pedimos justiça contra as iniquidades de Lourenço. Vós deveis vingar os males que Lourenço tem obrado contra Deus, contra a sua egreja, injustamente, sem causa, e com uma ingratidão tal, que estanca as fontes da infinita piedade. =

Esta carta, que Fabroni reproduzio na *Vida de Lourenço-o-Magnifico*, não abona muito a mansidão de Sisto IV, mas sim revêla a vehemente indisposição do pontifice contra um cidadão illustre de Florença, contra um homem que a historia apresenta em boa luz, e do qual os próprios Florentinos haviam dito, na resposta que ha pouco citámos, ser um cidadão tal, que nenhum dos outros cidadãos podia preferir-se-lhe nos sentimentos de verdadeira religião, nas práticas santas, na caridade, na piedade. (Quem, et religione vera, et Dei cultu, et charitate, et pietate preponamus, non habemus.)

Não admira, pois, que Sixto IV fôsse a alma de todos o movimentos hostis, que depois do malôgro da conjuração houve contra Florença.

Foi n'estas circumstancias que Lourenço de Medicis convocou um conselho de *Richiesti*, para o qual fôram convidados trezentos cidadãos. Disse-lhes, que pois contra a sua pessoa parecia mover-se a guerra dos inimigos estranhos, prêtes estava a sacrificar-se ao desterro, á prisão, e mesmo á morte; mas deviam notar que só a prudencia e a perseverança eram meio bastante para os salvar da crise. O conselho respondeu que os Florentinos se obrigavam a consagrar as suas fortunas e vidas á defeza de Lourenço de Medicis.

O discurso que Machiavel põe na boca de Lourenço de Medicis, por occasião de ser celebrado aquelle conselho, é um bello espécimen de eloquencia, e tanto mais apreciavel, quanto o historiador deixa fallar com a maior naturalidade o seu protogonista. O discurso que Lourenço de Medicis proferio no conselho não foi recolhido nos registos; mas é inteiramente plausivel que se exprimisse nos termos que Machiavel lhe attribue. Vejâmos, em linguagem, o sentido de alguns trechos d'esse discurso:

= Não sei, senhores e magnificos cidadãos, se devo lastimar-me comvosco do que tem succedido, se devo antes regosijar-me. Quando penso na perfidia, no odio com que fômos accommetidos eu e meu irmão (esse... assassinaram-n'o!), não posso deixar de me affligir no intimo do coração e da alma; quando, porém, considéro a promptidão, o zelo, o amor, a resolução unanime, com que meu irmão foi vingado, e eu fui defendido... é força que me regosije, me glorifique, me felicite. Se é certo que os successos me revelaram ter eu n'esta cidade maior numero de inimigos, do que pensava, — tambem me proporcionaram a grata certeza de que tinha amigos

mais firmes e mais dedicados, do que o acreditava. Constrangido sou a queixar-me convosco das injurias dos outros; mas cabe-me a dita de me congratular pelos vossos merecimentos. Nem por isso, porém, devo menos lastimar as injurias, visto como são raras tamanhas violencias, sem exemplo, e não merecidas por nossa parte.

— Considerae, magnificos cidadãos, a que ponto havia a sorte conduzido a nossa casa, pois que não estava segura entre os amigos, entre os parentes, e nem sequer na própria igreja! Aquelles que recëiam ser assassinados costumam recorrer aos seus amigos, costumam recorrer aos seus parentes; e nós encontrámos os nossos amigos e os nossos parentes armados para nos destruir. Aquelles que são perseguidos por motivos publicos ou privados, costumam refugiar-se nas igrejas; nós... somos assassinados ás mãos d'aquelles, por quem outros são defendidos; e no local onde os assassinos e os parricidas estão em segurança, encontráramos os Medicis os seus assassinos. Mas, Deus, que nos passados tempos não nos abandonou, salvou-nos ainda agora, e tomou a defeza da nossa justa causa... Bem sabeis que a familia Medicis não se engrandeceu senão incetada por este palacio, e por consentimento unânime. Cosme, meu avô, não deveu ás armas, nem á violencia o regresso do exilio, senão ao vosso consenso e approvação. Meu pae, velho e debilitado, mal podia defender o Estado contra tantos inimigos; fostes vós quem o defendeu pela vossa auctoridade e benevolencia. Depois da morte de meu pae (creança era eu ainda, pôde dizer-se): seria impossivel que eu mantivesse a dignidade da minha casa, se auxiliado não fôsse pelos vossos conselhos e favôr... Afirmam o papa e o rei de Napoles que a mim, e só a mim e á minha casa fazem a guerra. Prouvéra a Deus que assim fôsse! em tal caso fácil seria o remédio, — pois que não seria eu tão ruim cidadão, que estimasse mais a minha conservação, do que attendesse aos vossos perigos: em bréve extinguiria eu o incendio com a minha ruína. Quando os homens poderózos injuriam, costumam disfarçar as injurias com um nome menos deshonesto: assim o papa e o rei de Napoles escolheram aquelle meio de encobrir a sua injustiça. Todavia se encaráes as cousas differentemente, estou de todo nas vossas mãos: a vós tóca encaminhar-me, ou abandonar-me. Considerando-vos como meus paes, como meus defensores, farei de bom grado o que me ordenardes que faça; nem jámais recusarei, se assim vos approvér, pôr termo com o meu sangue á guerra que principiou com o derramamento do de meu irmão. =

— No artigo immediato verémos se as outras passagens das *Historias Florentinas* merecem os gabos da critica imparcial.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

CRANEO DA RAINHA MATHILDE

Mr. Berzélius de Stockholm, enviou em 1828, á Academia das Sciencias de Paris, o cráneo de Descartes, fallecido na Suecia, em 1650.

Mr. Cuvier, a quem o presente do sabio sueco foi remettido primeiro, disse n'aquella occasião:

«Um cráneo e ossos encerrados n'uma caixa

«de chumbo, pôdem conservar-se 700 annos, e «mais.» Em apoio da sua opinião citava o cráneo e os ossos da rainha Mathilde, fallecida em 1183, e que se acharam bem conservados no seu tumulo de l'Abbaye-aux-Dames, em Caen.

A ORAÇÃO DA VIRGEM

Do poema TASSO (inédito)

¿Porque morreste, ó Christo, abrindo ao mundo os braços, trazendo-nos do céu a liberdade e o amor, quebrando-nos grilhões, por apertar os laços com que fizeste irmãos os filhos teus, Senhor?...

se o fraco geme aos pés dos fortes que o esmagam!
se o grande não escuta a voz de seu irmão!
se as bagas do suor, da gleba ao servo alagam,
emquanto folga ou dorme o inerte castellão!

Ergueste um grande templo! abriste o santuario,
e o mundo então chamaste á communhão do amor!
foste-lhe vida e sol! — teu peito era sacrario,
fonte de graça e luz! E negam-te Senhor!

— Rasgam-te em negra orgia a tunica sagrada!
revolvem tua cruz em torpes lodaçais!
lançam-te ingrato cuspo á face immaculada!
blasfemam do teu nome em côros infernais!

Ozas da nova idade, alçaram mão profana,
ao vento dispersando o livro sem igual;
e as folhas do Evangelho, emudecido o hosana,
insulta-as a risada em torpe bacanal!

E homens, que o céu maldiz, ergueram como espectros
nos ágapes do amor insanguentadas mãos;
cingiram uma c'roa, e, levantando sceptros,
curvaram tudo aos pés — não viram seus irmãos!

A quem por senda errada os passos incaminha,
rasgue-lhe o véu do erro esplendido farol;
o amor, que andrajo humilde á purpura avisinha,
desate-se em clarões de lucido arrebol!

— Succeda á noite o dia! oiça-se a voz do povo
onde se envolve o orgulho em sedas e europeis!
cumpra-se a tua lei — a lei que eu amo e louvo!
bemdigam tua cruz, nobres, peões, e reis!

A tua doce voz foi brado no deserto,
que o pobre, o infante e o humilde apenas acordou:
o grande alevantou-se! e ao povo mal desperto
lançou férreos grilhões, e aos pés o conculcou!

Mas tu és bom, ó Christo! — a vista ao céu levanta,
e pede inda a teu Pai que lhe perddê, Senhor!
Luz ao pequeno! ao grande! ao verme! ao cedro! á planta!
pois és o sol e a vida, a liberdade e o amor!

Coimbra, 1868.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.